

A CARACTERIZAÇÃO DO DOM DE PARTEIRAS, BENZEDEIRAS E CURANDEIRAS, NA REGIÃO DO TOCANTINS, NO PARÁ¹

Benedita Celeste de Moraes PINTO²
Faculdade de História/UFPA
celeste.pinto@bol.com.br

Resumo: Este artigo trata dos dons de cura e assistência ao parto desenvolvidos pelas terapeutas tradicionais dos povoados negros rurais da região do Tocantins, no Pará, vistos por elas como dadas divinas, que as transformam em parteiras, curandeiras, farmacêuticas e conselheiras, cujos saberes, respaldados pela crença em Deus e nos santos advogados, são direcionados por entidades espirituais, denominados de guias ou companheiros, principais responsáveis por curas e partos.

Palavras-chave: Parteira e Curandeira. Cures. Dom. Gênero. Cultura Popular.

Abstract: This article deals with dons of cure and assistance to the childbirth developed by the traditional therapists in afro-Brazilian villages in the region of the Tocantins, in Pará, which are seen by them as gifts divine, that transform them into midwives, healers, druggists and council members. Whose to know, endorsed for the belief in God and the saints lawyers spirituals, called of guides or friends, main responsible are directed by entities for curing and childbirth.

Keywords: Midwives and Healer. Cures. Dom. Genre. Popular culture.

Não se é experiente, ou mesmo, uma benzeleira, uma parteira por quem, a gente tem que ter o dom veniu. Agora, curia, aqui por a gente desenvolver esse dom de nós se apurando pelos mistérios desse mundo, das rios. Foi assim desde os mais antigos do Pará junto quilombo, com as pratas velhas, moças brancas e até fugidas, que trabalham

¹ O presente texto é uma reflexão parcial do capítulo intitulado A Ritualística do Dom de Parteiras, "Experientes" e benzeleiras contido na tese de doutorado, de minha autoria, denominada de *Avóntica: "Experientes" e "Pegadas a Deus que se apura pelo encanto da floresta"*, defendida na PUC/São Paulo, em março de 2004.

² Doutora em História pela PUC/São Paulo, professora visitante na Faculdade de História da UFPA; atualmente desenvolve na região do Tocantins, no Pará, as pesquisas *Incluído no processo ensino-aprendizagem: alunos de povoados remanescentes de quilombolas na produção do seu próprio material pedagógico* e "*Reveladas do terra e do mito*"; *pegadas que tomou nos povoados remanescentes de quilombolas da região do Tocantins, no Pará*.

por estas matas sempre tinham de lado deles os espíritos, os encantados pra ajudá esse nosso povo!

A Região Amazônica possui uma cultura fortemente marcada pela mistura de crenças e ritos indígenas com credos e rituais católico, caracterizada, principalmente, pela aproximação dos santos, constantemente alimentada pela prática do catolicismo popular, somados a elementos religiosos afros, fundamentalmente, de negros fugidos, que ao constituírem seus mocambos ou quilombos, no interior da floresta, compartilhavam do mesmo cenário, e conviviam entre os povos indígenas que aí habitavam.

Não é sem sentido que, na concepção de mundo do povo amazônico, o mundo interiorano seja encantado, pois seu universo é habitado por vários seres que transitam entre o mundo natural e o sobrenatural. É um universo repleto de elementos mágico-simbólicos, onde tudo se relaciona com tudo, havendo significados para tudo o que nele existe¹. Na relação com as doenças, esse mundo simbólico aparece como um explicativo para dar sentido à desordem. A doença e a sua respectiva cura se traduzem no grande eixo explicativo para as relações entre o natural e o sobrenatural. A partir daí se misturam concepções religiosas e tradições formadoras do universo simbólico da região².

Nos povoados negros rurais da região do Tocantins, no norte da Amazônia – onde este universo simbólico também é cultivado e alimentado nas experiências cotidianas do seu povo –, o respeito é espontâneo em relação às velhas e aos velhos que possuem o papel de curandeiras(os) e conselheiras(os). Neles são depositados respeito, confiança e proteção, tanto contra as fúrias das encantarias como dos mais diversos tipos de sofrimentos. Em contrapartida, todas as recomendações propostas por essas pessoas são seguidas fielmente, pois, como se diz nessa região, jamais “se despreza ou põem em dúvida a palavra de um experiente, o curador; ele tem o dom de ajudar as pessoas”³.

¹ Parteira e curandeira Raimunda Néri, mãe Raimunda - Umarizal, município de Baião.

² MAUÉS, R. H. A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém, UFPA, 1990.

³ SCHWEIKARDT, J. C. Magia e Religião na Modernidade: os rezadores em Manaus. EDUA: Manaus, 2002, p. 173.

⁴ Jacinta Soares, 87 anos, povoado de Porto Alegre/Cametá.

Da mesma forma, se faz reverência na crença do poder sobrenatural manipulado por esses “experientes”. Dentre os quais se destacam as parteiras “curiosas”, as benzedadeiras e “puxadeiras” com seus unguentos e poções de folhas, raízes e cascas de paus medicinais vindos da floresta e apurados pelos vários mundos encantados que nela habitam. Nessa região, como afirmou a parteira e curandeira Raimunda Néri, a pessoa não se torna “experiente”, benzedeira e parteira, simplesmente por querer, é necessário que se tenha um dom específico para esses ofícios:

O dom é uma coisa que a pessoa já traz com ela. Olhe, eu trouxe o dom de cura, de fazer partes. Tem gente que tem dom pra uma coisa assim, outros já tem pra muitas outras; né? Olhe, tinha uma mulher aqui no Mola, a Ermetina Borges, que tinha o dom pra milícia, ela tocava violão, berço, cantava e tudo, e não aprendeu com ninguém. O dom é isso! Agora só que esse nosso dom, seja pra experiente, parteira, uma benzedeira ou mesmo uma puxadeira, tem assim muita coisa de mistério, dos guias que acompanham a gente; é eles que fazem tudo! Eu pelo menos, depois que eles foram embora não sei usar nada, tudo que eu sabia vinha deles e era abençoado por Deus e pelas amas da minha devoção (Marta Madalena Borges, Mola - Mola, município de Cametá).

Não se é mágico por querer, há qualidades cuja posse distingue o mágico da pessoa comum⁷. A prática destas mulheres, desde a formação dos antigos quilombos nesta região, é sempre referendada a partir de ligações de ordem mágicas. Dizem que não aprenderam ser parteiras, curandeiras e benzedadeiras com ninguém – embora seja comum se ouvir relatos acerca de parentas mais velhas, bisavós, avós, mãe, tias e irmãs, que também exerciam esses ofícios –, mas que possuem condições específicas vindas de nascença, que alicerçam e manejam os seus saberes.

Das trinta mulheres que participaram deste estudo, apenas uma, Beatriz Pinto, moradora da localidade de Tauajó (Distrito de Curuçambaba), afirmou ser “parteira de orelha”, porque, na condição de agente de saúde, teve que aprender a partejar com terceiros, “não trouxe o dom de nascença”. As demais negaram quaisquer tipos de interferência humana nos seus aprendizados de parteira, curandeira, benzedeira,

⁷ CASTRO, J. C. “Resistance et Survivance des Communautés Noires de la Région du Baixo - Tocantins (Amazonie Brésilienne)”. In: *Bicephale Europa Amérique Latine*, n. 2, nível, 1980.

⁸ MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974, p. 57.

"concertadeira" ou "puxadeira". Essas mulheres afirmavam que tiveram a revelação das suas práticas em momentos oportunos, advindas de uma dívida divina e orientadas por entidades sobrenaturais, chamadas por elas de guias ou companheiros, e pelos seus "santos advogados."

Nos povoados negros rurais da região do Tocantins, onde esta pesquisa foi desenvolvida, acredita-se que as pessoas predestinadas às artes de parteira, benzedeira e "experiente" trazem o dom ao nascer, embora passe grande parte da vida sem saber. Na grande maioria dos casos, uma pessoa mais velha da família é quem primeiro detecta, por meio da observação do comportamento e das "mésuras" (trejeitos, momices) que a criança faz, evidências de que ela não nasceu como uma pessoa normal. Mas, que teria sido agraciada pelas forças divinas com um dom específico, por intermédio do qual terá predisposição de ajudar e fazer o bem aos que necessitem. Um dos sinais que demarcam que uma pessoa é uma insigne possuidora de dons é o de chorar no ventre materno. É comum se dizer, nessa região, que "o experiente bom é aquele que traz o dom de nascença, chora na barriga da mãe".

O ato de chorar na barriga da mãe, além de revelar as prerrogativas do dom, estabelece condições sociais para que o possuidor do dom possa ser legitimado como tal, visto que a percepção e o reconhecimento da sua condição de ser especial acontece antes mesmo do seu nascimento, pelos mais velhos ou por alguém identificado no grupo com condições de estabelecer comunicação entre o mundo natural e o mundo sobrenatural, que reafirmam as qualidades especiais e diferenciadas daquela pessoa diante do seu grupo. Isso porque o choro que sinaliza ou revela o dom só pode ser ouvido ou percebido por alguém que seja portador de sutilezas místicas (com tendência ao curandeirismo), ou ainda por uma pessoa mais velha que tenha algum tipo de parentesco com a grávida, e goze de respeito e credibilidade entre os demais:

A criança não chora muitas vezes na barriga da mãe, no máximo umas três vezes. Agora pra gente sabê que a criança tá chorando tem que sê no silêncio, e não é qualquer um que ouve. – Celente: Por que chora? – Ah, deve sê porque os companheiros estão fazendo ululatu pra ela. Porque a mulher pode sentir, que a pessoa que tem um dom desse é assim agitada, não pára, tem um coiceza, que nem fala! É uma pessoa cheia de maraticas [momices, aritmâncias], coqueira, é lativa amado drade de zinho mesmo. É porque ela não é só, os guias não desamporam; é sim! (Domingos Nêri, Umarizal/Baão).

* Raimundo Borges, Cristóvão, povoado de Timóssia/Cameta.

Desta forma, a graça do dom pode ser manifestada quando a criança, ainda no ventre materno chora, situação que acaba lhe conferindo um elevado grau de perceptividade. O dom, ao ser cultivado, ou desenvolvido, lhe assegurará futuramente o domínio de poderes místicos e conseqüentemente as habilidades de cura mediante rezas, benzeções, puxações e poções, resultantes da manipulação e as misturas de ervas, banhas de animais e óleos vegetais.

O choro torna-se um indicativo de que a criança desde o ventre materno é uma pessoa com características particulares em relação às demais. Trata-se de um ser capaz de se relacionar, por meio do dom que possui, com entidades do mundo espiritual e aprofundar suas capacidades de transitar entre o mundo do sagrado, do sobrenatural, e o mundo terreno, o natural, onde a portadora de dom tem por obrigação cumprir a missão que lhe foi designada.

Maria Pereira, também, identificou, entre algumas parteiras de Manaus, o choro no ventre materno como um sinal indicativo de uma boa parteira; outras teriam aprendido a prática da parturição, mas não seria de nascença¹⁰. Nestas condições, a prática de parteiras, curandeiras e benzedoras, na região do Tocantins, é pensada a partir de símbolos mágicos, pois se acredita que elas trazem condições específicas para exercê-las ao nascer, o que propicia qualidades especiais para que essas mulheres possam ser concebidas no seu grupo social como mágicas. Porém, não se trata de uma situação fixar, a pessoa pode aprender a partejar, ou benzer, e também ter sua prática associada a elementos mágicos, pois a sua revelação pode advir de sonhos, visões, ou algum tipo de doença extremamente grave. Contudo, o dom que origina práticas e funções, de uma possuidora de dom, pode ser desencantado tanto pelo avanço da idade, como por "malineza"¹¹ (malvadeza) de alguém ávido em aumentar seus poderes mágicos.

A benzedora Felicidade Campelo, da povoação de Umarizal, afirma só ser capaz de benzer porque nasceu com esse dom. Embora

¹⁰ PEREIRA, M. L. G. *Fazendo Parto, Fazendo Vida: Doença, Reprodução e Percepção de Gênero na Amazônia*. São Paulo: PUC, 1993. p. 89.

¹¹ Segundo as mulheres entrevistadas, o desencantamento por idade ocorre, principalmente após os oitenta anos, quando os guias ou entidades espirituais, reconhecendo as limitações físicas da pessoa, "*se gálatan, não cubera, não inepovam asá*". A partir daí, a possuidora de dom alegando não saber mais nada, encerra suas práticas. Já o desencantamento por "malineza" (malvadeza) ocorre, em caso muito raro, quando uma (a) como (a) "experiente" cometido (a) por inveja, ou desejo de aumentar seus poderes, através de malefícios, "*assimo o dou e se guiaz que acompasávi a pessu*", que, gravemente doente e sem conseguir fazer partos, benzer ou curar, ministrar ou doar os remédios de ervas e plantas, desencanta.

na sua família tivesse uma avó e um tio que se ocupavam dessa função, declarou: “eu não aprendi com ninguém, isso foi [...] um dom [...] que caiu assim na minha cabeça”. Segundo as afirmações desta benzedeira, ela só teria tomado conhecimento do dom que possuía quando foi chamada às pressas para ver uma criança que passava mal com febre e vômito:

*Ah, dona Francisca, não sei benzer! Ela falou: seuhora sabe!
Eu sei que a senhora sabe! [...] Beuzza! Ai eu com muita fé
em Deus, eu benzi a criança. E graças a Deus! Deus jogou
aquela vinda lá [...] No outro dia, [...] dona Felicidade,
graças a Deus a criança tá bem esperta; melhorou! Vê
tontê tá mais uma benzeção! Ai eu foi. Ficou mesmo bom;
né? [...] Ai, prouto, gerou tudinho (Felicidade Campelo,
Felicidade, 76 anos – povoação de Umirim/ Brão).*

A partir da primeira cessão de benzeção e, conseqüentemente, da primeira cura, Felicidade Campelo, a exemplo das outras “mulheres mágicas”, da região do Tocantins, tomou conhecimento da existência do seu dom e dos caminhos que se abriram para a prática da benzedura. Após a iniciação do dom, seus saberes tornam-se conhecidos e legitimados dentro do seu grupo. Gradativamente se descortina a possibilidade do trânsito através do mundo sobrenatural e a sua devida manipulação. “Despertam para os seus segredos, mistérios e estratégias, descobrindo-se vocacionadas para executá-las”, cumprindo a necessidade de criar laços, pactos e contratos com os deuses no sobrenatural e com os homens no social¹².

Todos os sinais que caracterizam a presença do dom, como o choro na barriga da mãe, sonhos premonitórios, “mísuras” (momicos), “cuirezas” ou “mariticas” (artimanhas) e neurastenias, fazem parte de uma espécie de ritual que permitem com que a manifestação do dom repouse em dormência até que surja o momento de uma necessidade concreta. Quando ocorre um caso de emergência, no caso da parteira, quando uma mulher sofre com dores do parto (na maioria das vezes uma irmã, tia, vizinha, até mesmo a mãe), por falta de uma parteira qualificada acaba exigindo a interação da detentora do dom. Demarca-se, desse modo, tanto o início da função da parturiação como o processo de reconhecimento da parteira. A concretização dessa função acontecerá por meio do acúmulo da experiência, por meio da prática de vários partos. Portanto, o momento inicial deixa de ser apenas um sinal do dom para se

¹² OLIVEIRA, E. R. de. Doença, Cura e Benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedura em Campinas. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1983. vol. 1, p. 184.

tornar um fato concreto com o qual a pessoa conviverá durante a vida. Esse momento, na maioria dos casos, ocorre muito cedo, entre os dez e vinte anos de idade. No início, a pessoa sente inexperiência, insegurança e despreparo diante de uma situação que até então não fazia parte de sua vivência.

Situação semelhante acontece também com as "experientes" e benzedeadas, que, após iniciarem suas práticas, vão aos poucos ganhando reconhecimento, pelo número de curas obtidas. Pelo grau de frequência com que benzem ou curam elas se tornam requisitada por parentes, amigos e vizinhos. Suas práticas vão se mesclando nas experiências cotidianas entre o ajudar e fazer o bem, como exigência do cumprimento da missão advinda dos dons que possuem, e nas múltiplas formas de decodificação dos signos do mundo sobrenatural, que lhes dão condições de agentes especiais com capacidade de ultrapassarem as fronteiras do mundo natural (o plano dos homens, dos mortais) com destino ao mundo sobrenatural (dos espíritos e encantados).

O reconhecimento e a fama de parteiras, curandeiras e benzedeadas, diante do acúmulo das suas experiências, na trajetória de suas práticas, vão gradativamente se estendendo além dos limites dos seus povoados. E pelo fato das suas funções serem originárias de uma dádiva, como o dom é concebido na região do Tocantins, consideram-se escolhidas por Deus para prestar ajuda, socorrer os doentes, auxiliar os mais necessitados sem exigirem retribuição financeira. Assim, "vão vivendo dos agrados, dos presentes, que cada pessoa pode dá, e da graça do poder de Deus"¹⁵.

Contudo, a iniciação dessas mulheres é marcada por algumas transformações na vida cotidiana, a partir das quais elas são reconhecidas pelos seus como pessoas com peculiaridades próprias, atribuídas ao dom, que as torna diferente dos demais. A tomada de consciência do ser diferente, em muitas ocasiões, resulta na dificuldade da não aceitação imediata do dom. A partir da iniciação deste dom, a pessoa se difere no seu meio social, pois passa a possuir e a manipular peculiaridades próprias do sobrenatural, do mágico, do sagrado e, desta forma, é reconhecida diante dos seus.

É mediante a tomada de consciência da existência do dom, da sua iniciação, ou do seu desenvolvimento que as funções de parteiras, curandeiras e benzedeadas transformam-se em missões intimamente atreladas ao dom. Corresponder ou não aos chamamentos do dom

¹⁵ Rosalina Borges, Rosa, 83 anos, antiga moradora da localidade de João Igarapé - Bairro Novo, Cidade de Cametá.

pode gerar situações de conflitos, visto que a pessoa não pode mais ser considerada ou identificada como livre, pois se encontra marcada com as especificidades próprias do dom. Constantemente procuradas por pessoas do seu grupo, que lhe conferem créditos, no que concerne a curas, partos e benzeções, cabe às portadoras de dons acatar as alterações que se sucederão na sua vida futura, e, como retribuição à dádiva que receberam, aprofundar e corresponder ao chamamento do dom. Caso contrário, a não correspondência ao dom pode resultar na experimentação “inconsciente” de algum tipo de punição, como foi o caso da parteira Zenaide Gonçalves, que, por não aceitar o dom que possuía, passou a ter sérios problemas de saúde. Ao procurar um curador tomou conhecimento, de que as causas da sua doença eram ocasionadas pela não correspondência do dom:

*[...] Eu não queria, mas é dom que Deus me deu mesmo.
[...] Nós fumos num curadô, ai pra banda de Mocajuba, ai tá um bucado de gente lá e, ele falou: uma pessoa aqui tem o dom de recebê criança, mas não aceita esse dom. Ai, logo soube que era eu, e me apresentei. Ele disse que pra mim não tinha escapatória, eu tinha o dom de sê parteira. Era dom de Deus, ele me deu esse dom pra ajudá outras mulhé nessa hora (Parteira Zenaide Batista, Maria, Igarapé do Itabatinga/Mola/Cametá).*

Desta forma, qualquer que seja a função originária do dom, expressa-se em uma missão a ser obrigatoriamente seguida; equivale a um projeto de vida voltado à prática da solidariedade, de prestar ajuda aos outros. A negação no cumprimento da missão implicará para a portadora do dom constantes estágios de doenças, de sofrimentos e desventuras. A não tomada de consciência no sentido do perfeito entendimento na decodificação do espiritual pode acarretar o assédio de “espíritos malignos”, “espíritos das trevas”, causadores de males e sofrimentos.

Na região do Tocantins, guias ou companheiros são tidos como espíritos de luz e encantados do bem, detentores de muita energia positiva, que estabelecem e direcionam a relação da possuidora do dom com o plano sagrado. A pessoa detentora de um determinado dom, seja de parteira, benzedeira e “experiente”, ou que acumule todas essas funções, como é o caso da maioria das mulheres que fizeram parte deste estudo, tem sempre a sua volta a presença da “sua gente”, como dizem corriqueiramente. Estes, chamados de guias ou companheiros, são as entidades sobrenaturais ou espirituais que dizem receberem em seus

corpos e por meio deles executarem todas as funções propícias dos seus respectivos dons.

A maioria das mulheres entrevistadas identifica o seu guia como "o pessoal do lado", ou seja, aquele que sempre está junto da pessoa, ao seu lado. Os guias são considerados como os orientadores responsáveis pelas mais variadas manobras dos dons. Por meio deles são feitos os partos, as benzeções, as curas e as receitas de chás, banhos e unguentos de plantas que curam. A parteira e curandeira Benedita Gomes, a exemplo das "suas colegas de função", diz que não sabe nada, são

os guias que indicam tudo, a gente só interpreta o ensinamento deles. Eu mesmo não sei nada. Eles que fazem tudo através da gente.

Desse modo, os guias, além de direcionarem os atos próprios dos dons, também se transformam em companheiros, aqueles que seguem ao lado de parteiras, benzedoras e curandeiras. Aliás, companheiro é o nome com o qual identificam a placenta, que após nutrir a criança no ventre materno a acompanha, ou melhor, vem ligado umbilicalmente, por ocasião do nascimento. Por outro lado, o homem que convive, na condição de conjugue, com uma dessas mulheres de dom também se torna seu companheiro, com quem ela viverá e partilhará grande parte dos momentos da sua vida.

Os guias ou companheiros, responsáveis pelas funções de curas, partos e benzeções, nos povoados rurais da região do Tocantins, dividem-se em linhas dos espíritos (de índios, escravos falecidos, de pretos e pretas velhas, de crianças) e dos encantados ou caruanas (destacando-se entre eles príncipes e princesas encantadas, que podem pertencer tanto a corrente do fundo como das matas). Os espíritos de luz e encantados ou caruanas de energia positiva, na condição de companheiros, ao se aproximarem e se manifestarem em parteiras, curandeiras e benzedoras transfiguram-se como "o pessoal do lado" destas mulheres, e são vários a lhes tomar a matéria, o corpo.

A relação dos guias com uma portadora de dom se fundamenta na incorporação, na tomada da matéria, do corpo da pessoa, que se transforma em canal para a descida de espíritos e encantados no plano terreno. Em contrapartida, os guias também são transmutados em propriedades possuídas por essas pessoas, que no trânsito entre os mundos natural e sobrenatural justificam símbolos e elementos mágicos das suas práticas e funções pela convivência com os seus guias.

Para as “mulheres mágicas” dos povoados rurais do Tocantins, as explicações atribuídas a respeito dos seus dons constituem-se em elaborações construídas a posteriores, evidenciando como “elas se percebem dentro de um mundo marcado por símbolos: divindade, sonhos, mistérios, demônios, espíritos, pecado, fé iluminação, vidência, irradiações e salvação. É por ter alguma coisa socialmente em comum que as representações sobre esse mundo se mantêm”¹⁴, assim como as designações dos ofícios, ou práticas, que lhes conferem a condição de pessoas especiais, capazes de executarem uma profissão extremamente de cunho popular, tradicional.

A tomada de consciência do dom significa para essas terapeutas tradicionais um presente ininterrupto capaz de resistir às leis da história, visto que esse ato propicia-lhes qualidades especiais e intransferíveis¹⁵. Suas práticas ligadas a espaços simbólicos, ao serem expressas e estabelecidas em relações sociais vivas e permanentes, ganham legitimidade do grupo social do qual elas também fazem parte, propiciando a sua manutenção ou permanência.

1 Guias e santos advogados: os orientadores dos dons

Embora se tenha identificado nas práticas das mulheres entrevistadas, principalmente das curandeiras, signos de rituais da Pajelança Cabocla¹⁶, fundamentalmente no que concerne ao culto aos encantados ou caruanas,

¹⁴ OLIVEIRA, E. R. de. Doença, Cura e Benzedura, op. cit., p.189

¹⁵ MAUSS, M. “Origem dos poderes Mágicos nas Sociedades Australianas”. In: OLIVEIRA, R. C. (Org.). MAUSS. Ática: São Paulo, 1979.

¹⁶ A Pajelança Cabocla (como é conhecida nos estados do Pará e Amazonas) é fortemente marcada por rituais religiosos indígenas com elementos religiosos de tradição africana. O líder religioso é o (a) pajé que se incumbem do culto, enquanto os adeptos são visitantes que o (a) procuram quando necessitam de ajuda para resolver problemas de saúde, financeiros e amorosos. O fato da liderança do ritual ser ocupado por mulheres revela uma das influências africanas do seu culto, pois a tradição indígena não dispõe da figura feminina no papel de líder religiosa. Suas cerimônias acompanham-se de cantos e danças para chamar e divertir os espíritos e encantados. No estado de transe o (a) pajé entra em contato com o mundo dos encantados, que se divide em diversos reinos, estados e comunidades, cada qual com seus guias. Os guias são espíritos de índios falecidos, de africanos, de antigos escravos, de pretas e pretos velhos e encantados. Ver BASTIDE, R. *As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações*. v. II. São Paulo: Pioneira/Ed. da USP, 1971; BERKENBROCK, V. J. *A Experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*; MAUÉS, R. H. *A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: UFPA, 1990; MAUÉS, R. H. *Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico*. Belém: CEJUR, 1995.

mesclados aos da Umbanda¹⁷, praticamente todas negaram envolvimento com essas religiões. Apenas a curandeira e benzedeira Isabel Oliveira se identificou como umbandistas, e também se autodenominou como católica praticante e membro atuante da Comunidade Cristã de São Pedro¹⁸, do bairro do Trigueiro, na cidade de Cametá. Já Nerina Arnoud, da Vila de Juaba, convertida há alguns anos a uma Igreja Evangélica, afirmou exercer a função de parteira, porque recebeu a graça deste ofício por meio do dom que Deus lhe deu, cujo sucesso da sua prática é direcionado por Jesus Cristo e pela Virgem Maria, que nas suas explicações: "também sentiu e sofreu com dores do parto e, por isso, nunca nega o seu auxílio misericordioso para as mulheres nesta hora". Oliveira, também, ressalta o caso da benzedeira crente, na cidade de Campinas, que crê em Nossa Senhora do Bom Parto e em Nossa Senhora Aparecida, fenômeno tido como atípico no universo religioso pentecostal¹⁹.

As demais, um total de vinte e oito, afirmaram que pertencem a "Religião Católica de nascença", e que os dons que dizem possuir "nada tem havê com outra religião"²⁰. Chamá-las de umbandistas ou macumbeiras equivale a uma grande ofensa, equiparada ao termo feiticeira. Na visão delas, o dom é dado por Deus, e os artifícios das práticas que dele se

¹⁷ Religião com disseminação por todos os estados brasileiros; seus cultos são realizados em terreiros ou tendas, tendo à frente uma liderança espiritual, denominado de pai-de-santo, ou mãe-de-santo, que preside a cerimônia, auxiliado (a) por um (a) ajudante (sendo homem é denominado de babalorixá, se for uma mulher chama-se ialorixá). Suas atividades religiosas desenvolvem-se em torno da crença na existência de espíritos e entidades, que pertencem tanto os orixás da tradição Yoruba, santos da religião católica; e uma gama diversificada de outros espíritos de tradição banto, como também espíritos de mortos, de africanos, de índios, de antigos escravos, de pretos e pretas velhas e de crianças. Tem a prática da caridade como o seu objetivo religioso supremo e entende-se como intermediadora de bem-estar. Seus cânticos religiosos são denominados de pontos e têm a função de chamar os santos (espíritos ou entidades) que se incorporam nos filhos ou filhas-de-santos. Semelhante ao candomblé, os guias ou orixás se comunicam diretamente com as pessoas, ouvem suas histórias, respondem as perguntas, descobrem a causa de algum problema, aconselham e dão receitas para superar doenças. Ver BASTIDE, R. *As Religiões Africanas no Brasil*, *op. cit.*; MONTERO, P. *Da doença à desordem: a magia na Umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985; BERKENBROCK, V. J. *A Experiência dos Orixás*, *op. cit.*

¹⁸ As comunidades Cristãs foram criadas no território brasileiro a partir do final dos anos 60, do século XX, quando a Igreja Católica Apostólica Romana, ao traçar uma nova estratégia de intervenção pastoral, objetivava, através das comunidades cristãs, um maior controle da hierarquia eclesiástica sobre a prática do catolicismo popular.

¹⁹ OLIVEIRA E. R. *Doença, Cura e Benzedura*, *op. cit.*, p. 325.

²⁰ *Parteira e Curandeira Raimunda Ramos - Vila de Juaba/Cametá*.

originaram são orientadas pelos “santos advogados” e pelos espíritos e encantados iluminados, fazedores do bem:

Esse dom, desse sabê, que a gente possui não é religião, vem da graça de Deus. Foi assim desde o começo aqui com nós. A gente pode sê parteira, curadeira, seja lá o que fô, mas isso tudo é por meio de um dom, que a gente arecebe pra auxiliá os outros; isso a gente não aprende com ninguém; não senhora! Mas a gente é católica e temos os nossos santos advogados. Pode vê como foi a vida dos antigos; olhe, a velha Juvita, também era experiente, benzia e tudo, mas ela era devota da Nazaré, a nossa santa padroeira daqui. E ela rezava pra santo, pra defunto, pra curá duente, pra faze parto e, tudo com a graça de Deus (Maria Odete Borges, 70 anos, Tomásia/Cametá).

Neste Sentido, Keith Thomas ressalta muito bem a ambigüidade existente na relação entre magia e religião, sem necessariamente haver oposição entre uma e outra. Havendo na religião uma “sobrevivência de elementos mágicos, e aspectos religiosos na prática da magia. Isso poderia fazer com que fosse difícil para os adversários clericais da magia saberem onde traçar os limites. Encantadores e benzedores procuravam curar seus pacientes, muitas vezes, recitando preces religiosas comuns”²¹.

Na Amazônia, até o século XIX, a religião praticada pelos religiosos, especialmente pelos jesuítas, estava impregnada de imagens e de elementos mágicos trazidos da Europa e de outros lugares que foram sendo acrescentados no confronto com os povos afros e ameríndios. Isso ajudava na substituição de crenças que eles consideravam idólatras por aquelas tidas como legítimas. Pelo visto, esse paradoxo e essa ambigüidade da prática religiosa na Amazônia se farão sempre presente, principalmente, nas imagens que são feitas da natureza e da cultura²².

Segundo a crença das parteiras, curandeiras e benzedoras entrevistadas, para que os guias possam processar as curas, ou fazer os partos das mulheres, eles “exigem ter passagem” no corpo da portadora do dom – comumente chamado por elas de médium²³ –, que, ao incorporarem espíritos e encantados, passam para a condição de “aves”,

²¹ THOMAS, K. *Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 225.

²² SCHWEIKARDT, J. C. *Magia e Religião na Modernidade: os rezadores em Manaus*. EDUA: Manaus, 2002, p. 99.

²³ A expressão médium serve para designar uma pessoa que tem a capacidade de receber no seu corpo entidades espirituais ou encantadas. Por ocasião da incorporação se diz que os guias baixaram, atuaram, tomaram a cabeça do médium.

“aparelhos”, ou “cavalos”²⁴. Durante a incorporação, entende-se que o corpo (a matéria) da pessoa, por meio das incorporações ou do transe, separa-se da alma resultando uma dualidade. O estado natural se altera, transformando-se em um estado diferente do habitual, quando ocorre a transmutação para o sobrenatural. No momento do transe, a pessoa morre para si, entregando-se totalmente para que um guia ou orixá possa tomar seu lugar, ou seja, seu corpo²⁵. Segundo Quintana, o curador passa a usufruir parte dos poderes atribuídos a esse mundo superior e essa intimidade com o sagrado lhe permite ter acesso a forças sobrenaturais e participar dos seus poderes²⁶.

As expressões “ave” e “cavalo”, com fortes simbolismos mágicos, com que são designados o corpo (a matéria) da possuidora do dom, por ocasiões das cessões de incorporações, exprimem a aceção de que a (o) “experiente” lança-se em vôos como perpetra a ave, ou a exemplo do cavalo, galopa velozmente deste mundo considerado natural com destino aos mundos dos Entes sobrenaturais. Segundo Mircea Eliade, o cavalo, na mitologia e no ritual xamânico, é utilizado pelo xamã como meio de obter o êxtase, ou seja, sair de si, possibilitando a viagem mítica. O cavalo permite que o xamã voe, atinja o céu. “É uma imagem mítica da morte e, por conseguinte, está integrado nas ideologias e técnicas de êxtase. O cavalo leva o morto para o além; realiza a ‘ruptura de nível’, a passagem deste mundo para os outros mundos”. A mitologia e os ritos do vôo mágico, típicos de xamãs e feiticeiros, confirmam e proclamam sua transcendência em relação à condição humana; voando com forma de pássaro ou com sua forma normal²⁷.

Nas explicações das entrevistadas, durante as incorporações dos seus guias, acontece uma espécie de passagem, quando elas se transformam em ponte entre o mundo natural e o mundo espiritual, entregando o seu corpo

²⁴ Termos corriqueiramente utilizados pelas “mulheres de dom” entrevistadas, nos povoados rurais da região do Tocantins, para designar suas condições de intermediárias de espíritos e encantados, ou seja, de “instrumentos dos guias”. Aliás, uma designação bastante comum em credos religiosos tanto de origem afro como ameríndios. Na Umbanda, o médium ao ser tomado por um guia se torna cavalo-de-santo; no candomblé ele é pai, mãe ou filho(a) de santo; na pajelança cabocla ele é comumente chamado de aparelho, ou de ave.

²⁵ BERKENBROCK, V. J. *A Experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 293.

²⁶ QUINTANA, A. M. *A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 108.

²⁷ ELIADE, M. *O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 506-522.

para que através dele os guias possam se materializar, enquanto o espírito da “experiente”, da parteira, ou da benzedeira, ao deixar o corpo, a matéria:

É acompanhado por outros espíritos e encantados do bem e, pelos santos advogados pra se protegido dos espíritos malignos e recebê força e energia, que é pra alimentá aquela pessoa, depois do guia deixá a sua matéria (Parteira e curandeira Raimunda Farias Néri, 71 anos, Mãe Raimunda, Umarizal/Baião).

O processo de incorporação, segundo as entrevistadas, pode ocorrer de duas formas. Uma que envolve, essencialmente as práticas de parteiras e benzedeiros, onde a “passagem” dos guias se dá por meio de concentração e reflexão. Os guias ao se aproximarem ou tomarem o corpo da pessoa não se manifestam com nenhuma palavra ou gemido capaz de ser audível; apenas alguns gestos e expressões fisionômicas da possuidora do dom é capaz de revelar que ela está “atuada”, incorporada. Esse tipo de incorporação ocorre mais na consciência da pessoa. Contudo, as parteiras e benzedeiros entrevistadas, afirmaram, que após a incorporação, o transe, não conseguem lembrar de nada, do “que os guias fizeram ali; nem ao menos os remédios que foram cusinados pra pessoa.”²⁶

A segunda forma de incorporação, típica das curandeiras, envolve entoação de cantos, também denominados por elas de pontos²⁷, para agradecer e chamar os guias, silêncio, concentração por alguns minutos, seguidas de arrepios, tremedeiras, gemidos, expressões fisionômicas modificadas, mudança na forma de falar, no timbre da voz e na maneira de agir. Dizem que, enquanto se encontram “atuadas” ou incorporadas, são os guias que benzem, ou dão passes, curam e indicam os remédios, que se constituem basicamente de banhos, chás e “garrafadas” de plantas e ervas medicinais. Após os guias ou companheiros “subirem”, deixarem a “matéria”, as curandeiras, ao despertarem do transe, alegam não saberem quais foram os “guias que baixaram” no seu corpo e nem tão pouco o que disseram e fizeram:

²⁶ Parteira e Benzedeira Anastácia Ramos Souza, 65 anos – Umarizal/Baião.

²⁷ Existem dois tipos de pontos: a) o ponto cantado, consiste em se cantar, acompanhando do rufar de tambores, o cântico ou doutrina de um determinado guia com a finalidade de agradá-lo, invocar a sua descida. Há casos em que um guia estando incorporado puxa a sua doutrina, seu canto, objetivando transferir energias positivas para uma pessoa muito enferma; b) o ponto riscado se caracteriza por desenhos feitos, diante do congi (espécie de oratório, onde ficam estátuas representativas dos guias e demais utensílios de trabalho “das pessoas de dom”) com giz colorido (pomba), na cor e forma a simbolizar um determinado guia com a finalidade de invocar a sua descida ou agradá-lo.

Na hora de atendê uma pessoa, a gente chama pela ajuda de Deus, pede proteção, invoca os santos advogados, chamava minha Nossa Senhora da Conceição, minha Nossa Senhora do Bom Parto, meu São Raimundo, pra eles auxiliarem os guias da gente naquele trabalho; daí em diante os guias chegavam e faziam tudo, passavam o remédio que era preciso pra pessoa; a gente, assim, é só um instrumento, o aparelho deles! (parteira, curandeira e benzedeira Maria Madalena Borges, Macá, 80 anos - Bairro Novo/Caucú).

Embora Deus e os santos sejam constantemente invocados durante as práticas de cura, benzeção e partos realizados por essas mulheres, nenhum santo do panteão católico incorporam nelas. Por outro lado, os guias estão inteiramente ausentes dos rituais dirigidos aos santos. Os rituais se assemelham por serem invocativos, já que de tanto os santos como os espíritos e encantados são chamados a interferir nos assuntos terrenos, ainda que maneira diversa, pois a invocação aos santos é no sentido de súplica, pedido de auxílio e proteção. Aos entes sobrenaturais, os guias, apenas se invoca para pedir auxílio, fundamentalmente na doença³⁰.

Enquanto os guias são vistos como orientadores dos dons, responsáveis por curas e partos, Deus e os "santos advogados", como por exemplo: São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição, Santa Margarida, Santa Lidúina, Nossa Senhora do Bom Parto, São Jorge, São Bartolomeu, São Raimundo, "Nossa Senhora do Bom Fim" e Nossa Senhora do Desterro são tidos como auxiliares dos guias, que iluminam e protegem as funções oriundas dos dons. E com eles são estabelecidos pactos, por meio de promessas e pedidos no favorecimento de suas práticas e das graças alcançadas, situando-os numa relação estreitamente pessoal e íntima.

Da mesma forma, que "experientes", parteiras e benzedoras estabelecem uma relação de reciprocidade e solidariedade com a sua clientela, elas também reafirmam esse tipo de relacionamento com guias e santos, dependendo do grau de intimidade que estabelecem entre eles, acreditam serem mais recompensadas e protegidas.

REFERÊNCIAS

CASTRO, J. C. Resistence et Survance des Communantes Noires de la Région du Baixo – Tocantins (Amazonie Brésilienne). In: **Bicephale Europa Amérique Latine**, n^o. 2. Niver, 1980.

³⁰ MAUÉS, R. H. Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995, p. 202.

- ELIADE, M. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MAUÉS, R. H. **A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: UFPA, 1990.
- MAUÉS, R. H. **Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.
- MAUSS, M. Origem dos poderes Mágicos nas Sociedades Australianas. *In: OLIVEIRA, R. C. (Org.). MAUSS*. Ática: São Paulo, 1979.
- SCHWEIKARDT, J. C. **Magia e Religião na Modernidade: os rezadores em Manaus**. Manaus: EDUA, 2002.
- OLIVEIRA, E. R. de. **Doença, Cura e Benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedura em Campinas**. v. 1. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1983. p. 184.
- PEREIRA, M. L. G. **Fazendo Parto, Fazendo Vida: doença, reprodução e percepção de gênero na Amazônia**. São Paulo: PUC, 1993.
- PINTO, B. C. de M. **Nas Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos**. Belém: Paka-Tatu, 2004.
- PINTO, B. C. de M. **Memória, oralidade, danças, cantorias e rituais em um povoado Amazônico**. Cametá: B. Celeste de M. Pinto Editora, 2007.
- PINTO, B. C. de M. Parteira "Curiosa": o dom de fazer vim ao mundo as pessoas. *In: Revista Ágora Brasil*, Ano 2, n.º. 2. São Paulo: PUC, 1998.
- PINTO, B. C. de M. Parteiras e "Poções" Vindas das Matas e "Ribanceiras" dos Rios. *In: Revista Projeto História - Natureza e Poder*. n.º. 23. São Paulo: PUC, 2002.
- PINTO, B. C. de M. Escravidão, Fuga e a Memória de Quilombos na Região do Tocantins – Pará. *In: Revista Projeto História - História e Oralidade*. n.º. 22. São Paulo: PUC, 2001.
- PINTO, B. C. de M. Vivências Cotidianas de Parteiras e 'Experientes' do Tocantins. *In: Revista Estudos Feministas*. v. 10, n.º. 2. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, 2002.
- QUINTANA, A. M. **A Ciência da Benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru: EDUSC, 1999.
- THOMAS, K. **Religião e o Declínio da Magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.